



Genealogia de quatro aparelhos do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco

Genealogy of four apparatus from the Experimental Psychology Laboratory of the Don Bosco Faculty

Rodolfo Luís Leite Batista
Universidade Federal de Minas Gerais

Marília Novais da Mata Machado
Carlos Henrique de Souza Gerken
Universidade Federal de São João del-Rei
Brasil

Resumo

Neste artigo, investigamos, conforme a perspectiva genealógica de Michel Foucault, quatro aparelhos do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João del-Rei: caixa de Decroly, para avaliar inteligência e caracteriologia; ergógrafo de Mosso, para medir fadiga e resistência musculares, tempo de reação, percepção, atenção e traços caracteriológicos; estereômetro de Michotte, para aferição de percepção visual de relevo e profundidade; mnemômetro de Ranschburg, para estimar capacidade de associação e memorização. Construímos o arquivo de pesquisa com documentos do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa e da Universidade Federal de São João del-Rei. Narramos trajetórias desses aparelhos entre 1953 e 1971, do contexto de sua aquisição até seu silenciamento. Identificamos deslocamentos de suas funções: de dispositivos de pesquisa e avaliação psicológicas passaram a ser aplicados em práticas de seleção profissional e orientação educacional, atendendo a demandas modernizantes da indústria e do ensino locais.

Palavras-chave: história da psicologia; dispositivo; laboratório; genealogia; avaliação psicológica

Abstract

In this paper, we investigate, according to Michel Foucault's genealogical perspective, four devices from the Experimental Psychology Laboratory of the Don Bosco Faculty of Philosophy, Sciences and Languages of São João del-Rei: the Decroly's box, used to evaluate intelligence and characterology; the Mosso's ergograph, to measure muscle fatigue and muscular endurance, reaction time, perception, attention and characterological traits; the Michotte's stereometer, to measure visual perception of elevation and depth; and Ranschburg's mnemometer, to estimate one's capacity of association and memorization. Our archive was organized with documents from the Salesian Center for Documentation and Research and from the Federal University of Sao João del-Rei. We narrated the trajectories of these devices between 1953 and 1971, from the context of their acquisition to their silencing. We identified displacements of their functions: from devices used for psychological research and evaluation they were applied in practices of professional selection and educational guidance, answering to modernizing demands of the local education and industry.

Keywords: history of psychology; apparatus; laboratory; genealogy; psychological evaluation



Introdução

Neste artigo, procedemos a uma análise genealógica de quatro dos instrumentos que compuseram o Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras¹, em São João del-Rei, Minas Gerais: caixa de Decroly, ergógrafo de Mosso, estereômetro batoscópio de Michotte e mnemômetro de Ranschburg. Para tanto, pesquisamos especialmente o contexto científico de produção desses aparatos, seu processo de aquisição e a destinação que lhes foi dada entre 1953 e 1971. Esses instrumentos foram escolhidos devido à sua ampla utilização no laboratório são-joanense, expressa principalmente em registros da estruturação e do funcionamento do laboratório apresentados ao longo deste trabalho. Em diálogo com Miranda e Cirino (2016), Castelo-Branco, Rota-Júnior, Miranda e Cirino (2016), consideramos que a análise dos quatro aparelhos, do seu contexto de produção e do construto psicológico que pretendiam avaliar permite dimensionar as atividades do laboratório e exemplifica a apropriação de certo modelo de psicologia, numa instituição do interior de Minas Gerais. O enfoque sobre os aparelhos psicológicos rompe com a tradição de uso exclusivo de fontes escritas para investigações históricas e possibilita descrever as transformações do conhecimento psicológico, tal como mostra a produção recente acerca da história da psicologia no Brasil (Assis & Peres, 2016). No caso do laboratório são-joanense, embora os instrumentos sejam mencionados desde o primeiro estudo encontrado sobre ele (Albergaria, 2002), este é o único que os toma como objeto de investigação.

No cenário internacional, as pesquisas sobre instrumentos científicos têm aumentado. Nelas, os aparelhos não são entendidos como caixas-pretas ou ferramentas neutras que dispensam pesquisas empíricas ou reflexões teóricas; pelo contrário, apontam a historicidade dos discursos científicos e permitem identificar seus objetivos, métodos e crenças (Sturm & Ash, 2005). Nesse sentido, tem-se organizado um campo de pesquisa histórica acerca dos processos de transformação do conhecimento psicológico (objetos, teorias e métodos, por exemplo) mediante sua difusão e interação em meios diferentes daquele nos quais foi produzido (Dagfal (2004); Pickren & Rutherford (2010)). As investigações sobre laboratórios também têm se mostrado cada vez mais frequentes na produção brasileira em História da Psicologia (Centofanti & Tomasini (2014); Miranda (2014); Miranda & Cirino (2016)). Pesquisam-se, sobretudo, os laboratórios fundados em capitais: no Rio de Janeiro, o de psicologia experimental instalado no Pedagogium, em 1906, considerado o primeiro desse

¹ Em 1953, a Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras foi criada pelo decreto presidencial nº 34.392, que oficializou a transformação do Instituto de Filosofia e Pedagogia (fundado por padres salesianos, em 1948) na primeira instituição de ensino superior de São João del-Rei, Minas Gerais. Voltada para a formação de professores, ofereceu cursos de Línguas Neolatinas, Pedagogia, Ciências e Psicologia. Na década de 1980, passou por um processo de fusão com outras instituições locais, formando a Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei, precursora da atual Universidade Federal de São João del-Rei.



tipo no país (Pinheiral, 2011); em São Paulo, o da Escola Normal da Praça da República, dinamizado por Ugo Pizzoli, a partir de 1914 (Centofanti & Tomasini, 2014); e, em Belo Horizonte, o da Escola de Aperfeiçoamento de Professores, criado pela reforma do ensino de Francisco Campos e dirigido por Helena Antipoff, a partir de 1929 (Campos, 2012). Menos frequentes são as pesquisas sobre os laboratórios de psicologia em cidades do interior do país, como o de Lorena, em São Paulo (Ferraz, 2014) ou o de São João del-Rei, em Minas Gerais (Batista, 2015).

Desde a primeira metade do século XX, diversos objetos - aparelhos, testes, escalas e inventários - eram utilizados em processos de avaliação psicológica e tomados como indicadores do desenvolvimento técnico da psicologia (Cirino, Miranda, & Souza-Júnior, 2012; Rota-Júnior, 2016). De forma geral, as investigações históricas sobre tais objetos mostram o caráter aplicado e o papel modernizador atribuídos à psicologia ao longo do último século e se tornam cada vez mais relevantes para a construção de narrativas da história da psicologia no Brasil.

1. Referencial teórico

1.1. Construindo uma definição de instrumento científico

O termo instrumento científico surgiu no domínio das ciências naturais para discriminar “objetos criados pelo homem a partir do século XVII, com o intuito de medir, observar e comprovar teorias” (Granato, 2004, p. 134). Essa definição possibilitou a delimitação de um espaço específico para o manuseio e a guarda desses objetos - o laboratório - e a constituição de um grupo de especialistas em seu uso, os cientistas. Considerando-se que a produção científica é marcada por relações de poder, o conhecimento produzido em laboratórios e em moldes experimentais passou a ser marcado com o selo da cientificidade e da verdade. Com isso, a criação de aparelhos mecânicos e automáticos para mensuração de determinados fenômenos foi difundida (Maia & Granato, 2010).

Para Gooday (2008), esse processo de organização de laboratórios como espaços de produção e validação científica de um conhecimento ocorreu a partir da primeira metade do século XIX e esteve atrelado à criação de museus e de gabinetes de curiosidades. Naquele período, os laboratórios eram pequenos espaços em porões e cubículos de museus utilizados em demonstrações científicas. Posteriormente, tornaram-se espaços arquitetonicamente distintos e independentes. Nesse contexto, a invenção de artefatos e a consequente necessidade de formação específica para seu manuseio e utilização passaram a caracterizar o trabalho do cientista. O estudo da história de instrumentos mostra a dupla relação por eles estabelecida na delimitação de objetos científicos: por um lado, os artefatos podem ser compreendidos como desdobramento do empreendimento teórico que fundamenta sua



criação; por outro, servem para estabelecer provas empíricas de uma teoria (Van Helden & Hankins, 1994). Como acontece de muitos serem inventados sem função pré-estabelecida, sua utilidade também passa a ser definida após sua criação. Dessa forma, o cientista gradativamente investiu-se de poder mediante a divulgação do conhecimento científico e sua adaptação à cultura popular, por exemplo (Vimieiro-Gomes & Braghini, 2013).

Pesquisadores brasileiros (como Granato (2004) e Maia e Granato (2010)) qualificam os instrumentos como expressão da cultura material da ciência e se preocupam com a conservação e a restauração desses artefatos em museus e acervos institucionais. Em linhas gerais, seus trabalhos dedicam-se aos princípios teórico-metodológicos que nortearam a criação e o uso desses artefatos. Maia e Granato (2010) lembram que os instrumentos permitem narrar a operacionalização de conceitos quantitativos e o estabelecimento de relações de saber e poder. Para Granato (2004, p. 134), eles são “testemunho material para o estudo das práticas de laboratório ou para a compreensão da construção da ciência e da transmissão do conhecimento científico”. Neste estudo, os aparelhos psicológicos estudados foram definidos como “objetos epistêmicos” e “dispositivos”, seguindo os passos de Kurt Danziger (2003), de Michel Foucault (1970/2013) e de Giorgio Agamben (2014).

1.2. Aparelho psicológico: um dispositivo a ser descrito genealogicamente

Orientamo-nos pela perspectiva investigativa originada das descrições genealógicas propostas por Foucault (1970/2013), permitindo-nos tratar os aparelhos psicológicos como objetos epistêmicos² e dispositivos. Neste trabalho, os instrumentos são tratados como dispositivos que servem para conformar objetos psicológicos segundo certos pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos.

O historiador da psicologia Danziger (2003) considera os aparelhos psicológicos como um tipo qualquer de objeto epistêmico, constituído em certa conjuntura social, que deve ter sua trajetória histórica descrita em biografias³. Apesar de Danziger (2003) não atribuí-la explicitamente a Foucault (1977/1994), sua definição de objeto epistêmico parece ser uma apropriação do conceito foucaultiano de dispositivo. Tal repercussão se evidencia na afirmação de que os objetos epistêmicos têm uma dupla relação com seu contexto: por um lado, sujeitos produzem objetos epistêmicos; por outro, esses mesmos objetos dão forma a sujeitos. Essa relação é de suma importância para a História da Psicologia, pois permite descrever o processo de formulação de problemas dessa ciência e explicar como esses mesmos problemas impactam e constroem a vida social.

² Danziger (2003) considera os temas de pesquisa, os métodos de investigação e os aparatos utilizados em certo campo de conhecimento como objetos científicos. Em função de suas características discursivas e não-discursivas, eles também são denominados objetos epistêmicos. No caso da psicologia, a introspecção e o comportamento são exemplos de objetos epistêmicos.

³ Neste trabalho, preferimos o termo genealogias, sem, contudo, nos opormos à reflexão desse autor.



Um dispositivo pode ser definido como uma rede composta de elementos discursivos e não-discursivos que simultaneamente concorre para a formação de saberes e é produto daqueles que historicamente o precederam. Em sua originalidade, esse conceito possibilita a inclusão do estudo das dimensões não-discursivas presentes na constituição de uma disciplina científica como a psicologia. Ou seja, é a conceituação foucaultiana de dispositivo que permite discutir as diversas delimitações daquilo que pode (e não pode) ser qualificado como científico, favorecendo a compreensão dos fatores sociais envolvidos na formação histórica de uma ciência. Nesse sentido, ao alinharmos-nos a uma produção genealógica buscamos descrever as condições de possibilidade e as dimensões discursivas e não-discursivas de objetos epistêmicos que circularam pelo laboratório de psicologia são-joanense, construindo para cada um deles pequenas narrativas biográficas. Em diálogo com Danziger (2003), compreendemos a biografia de objeto epistêmico como:

o estudo histórico dos modos de constituição de fenômenos e das formas pelas quais eles se transformaram em objetos de exame e manipulação científica; como se desenvolveram e ganharam evidência; como se modificaram ao longo do tempo e, são, eventualmente, suplantados ou ganham nova identidade (p. 20, Tradução nossa).

Analogamente, podemos dizer que a genealogia desse objeto é uma descrição da rede discursiva em que ele se inseriu e da problemática a que buscou responder.

De seu lado, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2014) também auxilia na construção do conceito de dispositivo. Investigando a obra foucaultiana, ele evidencia que o termo substituiu *positividade* e *episteme* no estudo da história das disciplinas. O dispositivo não se constitui em um vazio histórico; pelo contrário, em sua historicidade, explicita as relações que estabelece com o contexto social que favorece e obsta sua emergência. Ele age como uma máquina produtora de sujeitos, produzindo formas específicas de subjetivação. Agamben (2014) amplia a noção de dispositivo, definindo-o como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” (p. 39).

2. Práticas de pesquisa

Em primeiro lugar, realizamos o levantamento e a leitura flutuante de documentos para a construção do arquivo investigado. Por arquivo, compreendemos o *corpus* documental acumulado em certo período e que, sistematizado sob certo foco investigativo, permite descrever um fenômeno histórico. Ele não é uma massa inerte de documentos, mas tem certa intencionalidade e responde a questões postas pelo pesquisador (Foucault, 1967/2005). Inicialmente opaco, nosso arquivo gradativamente se clarificou e possibilitou a construção de genealogias.



O arquivo foi formado por mais de uma dezena de correspondências tratativas da compra do equipamento; vinte e um manuais dos aparelhos (pequenas fichas-técnicas, escritas em italiano, nas quais se encontram: breve histórico do instrumento, sua composição e modo de utilização); aproximadamente uma centena de fotografias, diversas reportagens jornalísticas, trabalhos acadêmicos de estudantes da Faculdade Dom Bosco, laudos psicológicos e os próprios aparelhos remanescentes do período. As fontes documentais definiram o recorte temporal pesquisado e estão disponíveis na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), parte no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (CDPHP/Lapip), parte no Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental (Lapsam) e o restante no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, em Barbacena, Minas Gerais.

Lemos cuidadosa e repetidamente os documentos do arquivo. Identificamos informações e discursos que possibilitassem a construção de genealogias para cada dispositivo. Atentamo-nos àqueles referentes aos contextos de produção - origem e data de criação (sempre que possível), referencial teórico que sustentou sua criação e construto psicológico avaliado; ao processo de aquisição e desdobramentos da chegada dos aparelhos à faculdade - especialmente, o serviço em que era utilizado. Por fim, sistematizamos o material produzido, construindo as descrições genealógicas apresentadas.

3. Os contextos de produção e de recepção dos dispositivos

No Brasil, a primeira metade do século XX caracterizou-se por um intenso processo de industrialização e urbanização (Antunes, 2012). Foi nesse contexto histórico e político que se preparou a chegada dos dispositivos do Laboratório de Psicologia Experimental a São João del-Rei, período também marcado pelo discurso de modernização dessa cidade mineira (Batista, 2015). Nesse período, consolidava-se a aplicação da psicologia a questões educacionais, organizacionais e clínicas (Antunes, 2006, 2012).

No que tange à Educação, os discursos favoráveis à sua modernização consideravam que a psicologia tornaria científicas as práticas pedagógicas e escolares, visto que investigava os processos cognitivos e o desenvolvimento humano - fatores tomados como diretamente relacionados aos problemas de ensino-aprendizagem. Desde a década de 1930, o movimento escolanovista se estabelecia como um dos principais porta-vozes da necessidade de reorganização do sistema escolar brasileiro, sugerindo a aplicação da psicologia para a resolução de problemas escolares. Se a associação entre a pedagogia e uma psicologia orientada metodologicamente pela observação, experimentação e avaliação representava a modernização científica da Educação, ela também resultava na difusão de um “discurso segregador, profilático e normatizador” (Alberti, 2004, p. 151). Nesse período, a avaliação psicológica da criança tornou-se prática regular em instituições de ensino e se transformou



em explicação das diferenças sociais e econômicas da população (Carvalho, Campos & Silva, 2013). O clima de euforia advindo com a consolidação da psicologia aplicada repercutia a oferta de cursos por psicólogos e pedagogos estrangeiros que vinham ao país para divulgar o conhecimento produzido na Europa. Ao mesmo tempo, instituições e serviços especializados eram criados (Barbosa, 2012).

A Constituição Federal de 1937, ao regulamentar o funcionamento do ensino vocacional e das escolas técnicas, já havia favorecido a aplicação da psicologia ao setor educacional e às organizações de trabalho (Barbosa, 2012). Nas escolas técnicas, muitas vezes ligadas ao Serviço Social da Indústria (SESI) ou ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), eram organizados setores de orientação e seleção profissional. A realização de exames psicotécnicos nesses setores se sustentava no paradigma taylorista-fordista, segundo o qual características psicológicas interferem na execução de uma atividade, cabendo a especialistas identificar os trabalhadores considerados mais aptos (Antunes, 2012). Orientados para a racionalização do trabalho desejada pelas elites político-econômicas brasileiras, testes e outros instrumentos de avaliação foram importados e criados para os processos de seleção profissional em fábricas e indústrias. Esses instrumentos representavam a “modernização que envolvia a classificação e a mensuração dos indivíduos” para os diversos campos (Castro, Castro, Josephson & Jacó-Vilela, 2011, p. 268). Assim, era comum a existência de especialistas em questões educacionais igualmente interessados pelos contextos de trabalho. Muitas produções acadêmicas sobre orientação profissional, evidenciando-se as de psicometria, eram utilizadas no âmbito educativo e da seleção profissional para indústrias (Antunes, 2006). Os desdobramentos das discussões propostas pelos psicólogos e/ou psicotécnicos, como eram designados, fizeram da década de 1950 a mais produtiva em relação à medição psicológica (seja por meio de aparelhos ou de testes) e favoreceram o processo de regulamentação da profissão do psicólogo, em 1962.

Em São João del-Rei, o ensino da psicologia antecedeu a criação do laboratório e se iniciou no final da década de 1940 (provavelmente, em 1948), no Instituto de Filosofia e Pedagogia (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965). Foram oferecidas disciplinas de Psicologia Geral e Experimental, dedicadas ao estudo da sensação e da percepção com base em autores da psicologia alemã – notadamente Wilhelm Wundt, Gustav Fechner e Hermann Ebbinghaus. Aprendia-se também sobre desenvolvimento da criança e caracteriologia, a partir de textos de Agostino Gemelli, Giacomo Lorenzini e Édouard Claparède. Com a transformação do instituto em faculdade, em 1953, permaneceu a preocupação científica dos fundadores dessa instituição de ensino, os padres salesianos, e seu diálogo com as tradições acadêmicas da época. Para eles, esse tipo de análise produziria respostas adequadas aos problemas sociais: “[a] problemática psicopedagógica, típica do interior mineiro, merecia (...) ser cientificamente analisada para ser adequadamente solucionada” (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, p. 5). Os discursos favoráveis à criação de um laboratório de



psicologia adequado às disciplinas de Antropologia Física e Biologia Educacional ganharam relevo, pois possibilitaria a realização de “pesquisas para o estabelecimento de baremos para nosso meio interiorano” (p. 42)⁴.

Em 1953, tão logo a faculdade foi reconhecida por decreto presidencial, as tratativas de compra dos aparelhos se iniciaram e adquiriu-se o primeiro dispositivo para o laboratório são-joanense (Correspondência entre Giacomo Lorenzini e Alcides Lanna, 22 de setembro de 1954). Esse processo foi conduzido pelos padres Alcides Lanna⁵ (1891-1977), diretor da faculdade e inspetor salesiano, e Giacomo Lorenzini⁶ (1909-2001), professor de psicologia experimental do Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim. Os clérigos Ralfy Mendes de Oliveira⁷ (1917-2008) e João Modesti⁸ (1919-2005), que estudavam Pedagogia e Psicologia e se especializavam na utilização dos aparelhos, foram os responsáveis técnicos e executores da compra. No mesmo ano, uma disciplina denominada “Psicologia Educacional” foi lecionada por José Rosário Vaccaro Carlino⁹ (1914-2008). O setor de psicologia da faculdade era liderado por José Augusto França Fiúza¹⁰ (1928-), encarregado do recebimento da aparelhagem (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, p. 5).

As listas enviadas por Giacomo Lorenzini registram a importação de aproximadamente cinquenta aparelhos psicológicos. A maior parte deles foi construída nos Laboratori Apparecchi Scientifici Medici (Lasm), em Turim, e no Istituto Sacro Cuore, em Milão. Outros aparelhos foram adquiridos da Dufour Instruments e da Jacquet, empresas de

⁴ Embora tenha sido encontrada essa menção à realização de pesquisas, no arquivo construído para este trabalho não foram encontrados registros desse tipo de prática no laboratório são-joanense.

⁵ Alcides Lanna Cotta se tornou salesiano em 1911. Estudou Teologia no Uruguai e trabalhou na região do Quadrilátero Ferrífero Mineiro. Foi diretor de casas salesianas em Ponte Nova e Cachoeira do Campo. Primeiro inspetor da Inspetoria São João Bosco, depois diretor no Rio de Janeiro e Uberlândia.

⁶ Giacomo Lorenzini, salesiano italiano, foi professor e diretor do laboratório de psicologia experimental do Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim, durante as décadas de 1940 e 1950. Na primeira metade dos anos 1950, esteve diretamente envolvido na organização dos laboratórios da Universidade Católica de São Paulo, Faculdade Salesiana de Lorena e Faculdade Dom Bosco, em São João del-Rei. Além disso, escreveu livros sobre desenvolvimento humano, caracteriologia e psicopatologia.

⁷ Ralfy Mendes de Oliveira foi professor de Psicologia no Instituto de Filosofia e Pedagogia, em São João del-Rei, entre 1951 e 1952. Em 1954, graduou-se em Pedagogia pelo Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim. Em 1955, retornou à Faculdade Dom Bosco, onde participou da instalação do laboratório de psicologia e criou um coral infantil.

⁸ João Modesti, salesiano brasileiro, estudou Pedagogia e Psicologia no Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim, sob orientação de Giacomo Lorenzini. No período em que esteve na Itália, responsabilizou-se pela compra e montagem do laboratório de psicologia da Faculdade Salesiana de Lorena, entre 1951 e 1953.

⁹ José Rosário Vaccaro Carlino, salesiano italiano enviado pela congregação para a América do Sul, estudou Filosofia e Ciências Naturais na Colômbia, na década de 1930. Transferido para o Brasil, trabalhou dois anos como professor-auxiliar na Faculdade Dom Bosco. Por solicitação própria, retornou à Colômbia, onde passou a maior parte da vida.

¹⁰ José Augusto França Fiúza graduou-se em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Lorena e especializou-se em Psicologia no Pontifício Ateneu Salesiano de Turim, onde foi orientado por Giacomo Lorenzini. Foi o primeiro professor de Psicologia do Instituto de Filosofia e Pedagogia, em São João del-Rei, e descrito como “de formação especialmente experimental e didática [e um dos responsáveis] pela montagem do laboratório de psicologia” (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, p. 19). As pesquisas realizadas não conseguiram identificar outros elementos da vida de Fiúza (até mesmo se continua vivo), informações que poderiam elucidar aspectos da história da psicologia em São João del-Rei.



material psicotécnico, respectivamente francesa e suíça. Essa procedência inseriu discursivamente o laboratório são-joanense em uma rede de circulação de psicologia articulada em países europeus – Itália, Bélgica, França e Alemanha. Isso fica explícito no excerto:

Os nossos aparelhos copiam modelos espalhados pelas diversas universidades e centros europeus, dentro os quais lembro: Istituto di Psicologia di Milano (Gemelli), Istituto Superiore di Pedagogia di Torino (Lorenzini-Viglietti), Institut Jean-Jacques Rousseau (Piéron-Piaget), Institut Psychologique de Louvain (Michotte-Fauville), Institut Catholique de Paris (Naville), além de Lausanne (Carrard), Bruxelles (Christiaens), Liège (Pasquasy), Berlim (Moede), Petersburgo (Netchaieff), Budapest (mnemômetro de Ranschburg), Valença (tacodômetro de Mira), Basileia (relógios de Jaquet). (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, p. 34).

As crônicas produzidas pela equipe do laboratório categorizaram os dispositivos segundo sua função: (a) “aparelhos de uso geral” (gravadores, amplificadores e projetores); (b) “registradores e medidores” (eletroquimógrafo); (c) “auxiliadores e medidores” (metrônomo); (d) “para exame de vista” (campímetro, fotoestesiômetro e estereômetro batoscópio); (e) “para exame de outros sentidos” (audiômetro, eletrogravímetro, ergógrafo e dinamômetro); (f) “estudos da percepção” (mnemômetro, otômetro, taquistoscópio e aparelho de tempo de reação simples, ótica e acústica); (g) “estudo da psicomotricidade” (tremômetro e destrímetro); (h) “engenhosidade mecânica ou inteligência técnica” (souricière de Moede, cinestesiômetro, ambidestrímetro, bloco de Wiggly e imagem especular); (i) “estudos de diferentes fatores mentais” (diferentes testes psicológicos); (j) “testes de psicologia aplicada”; (k) “aparelhos biométricos” (esfignomanômetro e polidinamômetro) (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, pp. 35-42)¹¹.

A primeira remessa de dispositivos partiu de Gênova, sob os cuidados de Carlos Leôncio da Silva (1887-1969), Virgínio Fistarol (1910-2001) e Ralfy Mendes de Oliveira, em 24 de novembro de 1954 (Correspondência entre Giacomo Lorenzini e Alcides Lanna, novembro de 1954). Cartas entre Alcides Lanna e Giacomo Lorenzini informam que, ao chegarem ao país, os aparelhos ficaram recolhidos na alfândega, no Rio de Janeiro (provavelmente, devido à inadimplência de taxas). Somente no segundo semestre de 1955, os aparelhos importados foram instalados na faculdade são-joanense e passaram a constituir o laboratório, descrito inicialmente como conjunto do equipamento científico. Foram organizados em duas seções, a experimental e a aplicada. Em 1958, a direção do laboratório,

¹¹ Em pesquisa de mestrado, Batista (2015) identificou os seguintes aparelhos remanescentes do antigo laboratório salesiano: ambidestrímetro, aparelho de engenhosidade mecânica de Moede), aparelho de tempo de reação, arco de Christiaens, audiômetro, bloco de Wiggly, caixa de Decroly, campímetro de Landelt, cardiógrafo, cinestesiômetro, dinamômetro, eletrogravímetro, eletroquimógrafo, ergógrafo, esfignomanômetro, estereômetro, fotoestesiômetro, imagem especular, mnemômetro, otômetro, souricière de Moede, taquistoscópio, teste de execução de ordens, aparelho de Toulouse-Piéron, tremômetro.



até então ocupada por Ralfy Mendes de Oliveira, foi assumida pelo padre Geraldo Servo¹² (1930-2001). Esse religioso preocupava-se com a utilização adequada dos aparelhos, isto é, de acordo com as normas de uso disponíveis nas fichas-manuais e em conformidade com a psicologia do período, e propôs a reorganização e a ampliação dos serviços psicológicos mediante a criação do Instituto de Psicologia e Pedagogia (IPP), nos moldes do laboratório do Pontifício Ateneu Salesiano. Nos anos 1960, os dispositivos caracterizaram esse instituto como ambiente de serviços psicopedagógicos e de clínica psicológica. Nesse período, eles permaneceram na ala central da faculdade salesiana, sendo transferidos para a sede criada para o IPP, em 1962.

Em 1965, as crônicas do IPP narram, usando o tempo verbal do pretérito imperfeito, que o laboratório, primeiro:

ocupava três saletas isoladas (3X4), três saletas (3X4) em comunicação externa através de um corredor, uma sala maior (12X4) com dispositivo para ser dividida em duas, em circunstâncias especiais. Uma das saletas funcionava como escritório do diretor, a outra como saleta de entrevistas individuais de aplicação de testes projetivos, a terceira como biblioteca de obras especializadas. As três saletas que se intercomunicavam, continham aparelhamento para medidas biométricas e sensoriais, estudos de aptidões específicas, estudo do caráter e interesses. Destinava-se a maior à realização de mesas redondas, demonstrações experimentais, aulas, testes coletivos, sessões cinematográficas. Continha além disso variado material para estudo da visão, cabine silente para estudo da audição, tempo de reação, reações fisiológicas, acusadas pelo quimógrafo. Neste local, tiveram início as pesquisas, as demonstrações didáticas e os atendimentos (Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP], 1965, pp. 6-7).

Com a saída de Geraldo Servo, em 1969, os registros documentais assinalam a diminuição do número de atendimentos em clínica infantil e nos serviços de orientação, sendo que as principais atividades do instituto passaram a ser as seleções profissionais realizadas para indústrias da região. Iniciou-se, então, o processo de silenciamento com relação aos dispositivos.

Dentre os aparelhos psicológicos importados, descrevemos, a seguir, as genealogias construídas para a caixa de Decroly, o ergógrafo de Mosso, o estereômetro batoscópio de Michotte e o mnemômetro de Ranschburg, selecionados devido ao seu uso intenso na fase de maior atividade do laboratório.

¹² Geraldo Servo graduou-se em Pedagogia pela Faculdade Salesiana de Lorena. Enviado para Turim, estagiou no laboratório de psicologia experimental do Pontifício Ateneu Salesiano, dirigido por Giacomo Lorenzini. Realizou estágios na Universidade Católica de Louvain e outros centros de pesquisa europeus. Em São João del-Rei, criou o Instituto de Psicologia e Pedagogia em 1958, dirigindo-o durante os anos 1960.



4. Descrições genealógicas dos quatro aparelhos

4.1. Caixa de Decroly

Nas primeiras décadas do século XX, esse dispositivo (figura 1) foi concebido pelo médico e psicólogo belga Jean-Ovide Decroly (1871-1932) para avaliação da inteligência prática. Decroly buscava construir uma técnica capaz de identificar traços cognitivos e cientificar as práticas de orientação profissional. A caixa de Decroly reúne situações-problema que avaliam os tipos de raciocínio (dedutivo e indutivo), a atenção (concentrada e difusa) e a capacidade de aprendizagem de indivíduos em diferentes idades. Seu funcionamento pressupõe que o raciocínio se constitui de elementos fundamentais – percepção, intuição, memória e imaginação – e de estratégias de ação – observação, análise, abstração, síntese e generalização – que podem ser isoladas e examinadas mediante a proposição de uma tarefa (Dubreucq, 2010).

A aplicação do teste se resumia em solicitar ao examinando que abrisse a caixa: o dispositivo era entregue fechado por cinco problemas de dificuldade crescente que deveriam ser resolvidos em certa sequência. As ações e o tempo gasto para a execução de cada tarefa eram registrados pelo examinador, que se atentava aos raciocínios não-verbais expressos na manipulação dos mecanismos. Com base nesse registro, avaliavam-se os construtos psicológicos relacionados a cada situação-problema e determinava-se a tipificação do sujeito em função de seu nível de inteligência e sua caracteriologia.

Esse dispositivo deixou gradativamente de ser utilizado nos centros de orientação profissional e escolas belgas durante os anos 1950, visto que serviam apenas para exames individuais de difícil padronização e que demandavam muito tempo para aplicação (Dubreucq, 2010). Em outros termos, o uso da caixa de Decroly estava em declínio em seu país de origem e era considerada técnica secundária para avaliação de crianças e adolescentes quando chegou a São João del-Rei. No laboratório local, ela compunha a bateria de testes de seleção profissional e era utilizada em psicodiagnósticos clínicos ocorridos também nos anos 1960. Os discursos da época destacavam ainda sua importância para uma psicologia aplicada a questões escolares.



Figura 1: Demonstração de uso da caixa de Decroly, 1957 (CDPHP/Lapip).

4.2. Ergógrafo de Mosso

Na década de 1890, o ergógrafo foi concebido pelo fisiologista italiano Angelo Mosso (1846-1910) como instrumento de quantificação das contrações dos músculos da mão e do dorso. Em linhas gerais, as investigações conduzidas por Mosso no período buscavam resolver a problemática sobre o papel dos aspectos fisiológicos no funcionamento psíquico humano. Dedicando-se a estudos experimentais sobre a fadiga muscular e o medo, ele identificou que cada indivíduo tem um perfil de fatigabilidade variável em função de suas condições fisiológicas. Assim, o fisiologista estabeleceu relações entre o nível de fadiga e alguns construtos psicológicos – como o tempo de reação, a percepção e a atenção.

O aparelho criado pelo pesquisador italiano servia igualmente para medir a fadiga e a resistência musculares durante a execução de certo trabalho físico, gerando seu respectivo registro, denominado ergograma. Esse resultado permitia ao examinador determinar o perfil de fatigabilidade de um indivíduo, tipificá-lo segundo traços caracteriológicos ligados à sua atividade muscular e determinar sua adequação a uma função na escola ou na indústria (Giulio, Daniele, & Tipton, 2006).

De acordo com a ficha-manual encontrada nos acervos consultados, o ergógrafo do laboratório são-joanense (figura 2) é descrito como uma adaptação construída pelo Pontifício Ateneu Salesiano do modelo original criado por Angelo Mosso. Na cidade mineira, ele era utilizado principalmente para seleção profissional durante os anos 1960.



Figura 2: Demonstração de uso do ergógrafo de Mosso, 1957, (CDPHP/Lapip).

4.3. Estereômetro batoscópio de Michotte

A ficha-manual do estereômetro batoscópio ou plastoscópio (figura 3) descreve o dispositivo do laboratório são-joanense como criação do psicólogo belga Albert Michotte (1881-1965), na Universidade Católica de Louvain, durante os anos 1930. Ao longo de sua vida, Michotte dedicou-se ao estudo do movimento e ritmo e dos processos de aprendizagem, destacando-se também nas pesquisas sobre a percepção visual. Durante o período em que estagiou no laboratório de Wilhelm Wundt, identificou os limites da introspecção como método de investigação. Em um panorama de crítica à fisiologia experimental alemã, Michotte buscou alternativas metodológicas para uma psicologia científica, afirmando que ela não deveria se restringir aos comportamentos como propunha o behaviorismo (Wagemans, Van Lier, & Scholl, 2006). Buscou investigar a percepção mediante o estabelecimento de relações sistemáticas entre estímulos e reações com base nas informações produzidas pelo batoscópio.

Conforme registro em livro de crônicas, o dispositivo era um dos mais utilizados no laboratório são-joanense, especialmente em serviços de seleção e orientação profissional (como na avaliação de candidatos a vagas na indústria e na triagem de estudantes para



cursos oferecidos na Faculdade Dom Bosco). Ele servia para examinar a percepção – visão monocular e binocular de relevo e profundidade.

4.4. Mnemômetro de Ranschburg

Na década de 1890, o mnemômetro (figura 4) foi criado pelo psiquiatra húngaro Pál Ranschburg (1879-1945), a partir do esquema técnico do taquistoscópio – aparelho para medição de tempo de reação a percepção de imagens – e de testes de memória concebidos por Hermann Ebbinghaus (1850-1909), George Müller Elias (1850-1934) e Alfons Pilzecker (1865-1920). Trata-se de dispositivo típico da psicologia experimental de língua alemã da transição entre os séculos XIX e XX (Giuliano, Lores, & Vargas, 2011).

Constituído de um tambor de alumínio, revestido internamente por material antiacústico para amortecer ruídos, o instrumento apresentava estímulos (como sílabas, sinais, números e palavras) a serem memorizados em certo período de tempo. O mnemômetro deveria ser utilizado com o metrônomo e o manipulador de Morse, instrumentos de controle dos intervalos de tempos fixos e variáveis para emissão de estímulos, respectivamente. Ele servia, portanto, a medições da capacidade de associação e de memorização de adolescentes e adultos. No laboratório são-joanense, era utilizado em pesquisas do setor de Psicologia Experimental e em avaliações para seleção profissional e triagem de estudantes da faculdade salesiana.

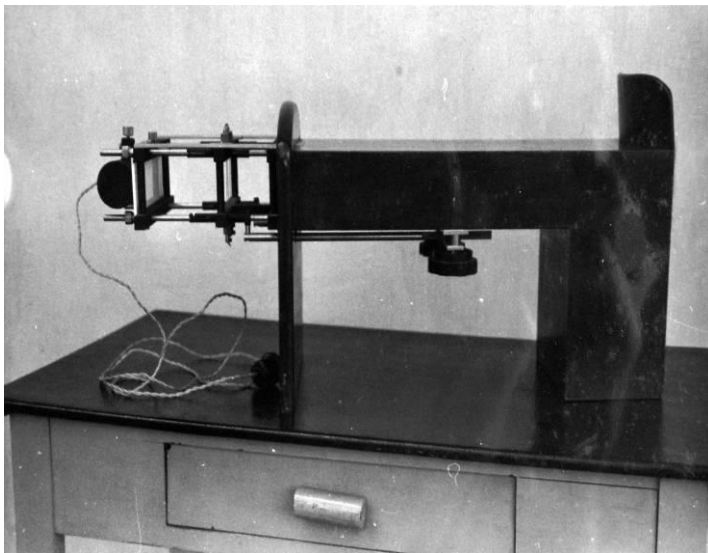


Figura 3. Batoscópio estereômetro de Michotte, sem data, (CDPHP/Lapip).



Figura 4. Demonstração de uso de mnemômetro de Ranschburg, 1957, (CDPHP/Lapip).



5. Os aparelhos do laboratório são-joanense como dispositivos

Com base nos resultados aqui produzidos, podemos afirmar que a trajetória dos aparelhos sintetiza as funções que lhes foram discursivamente atribuídas. No caso dos quatro descritos, evidenciou-se que serviram à avaliação psicológica e exemplificaram o cenário de aplicação da psicologia que motivou a criação, em São João del-Rei, do Centro de Estudos Pedagógicos, em 1955, e do Serviço de Orientação Educacional e Profissional, em 1957. Como dispositivos que capturaram interesses no laboratório, orientaram mudanças, determinaram ações, controlaram gestos, opiniões, discursos (Agamben, 1914), os quatro aparelhos participaram da instituição do laboratório de psicologia como ambiente de pesquisa e serviram como marcadores que delimitaram os setores internos do instituto, como o de Psicologia Experimental Geral e o de Psicologia Escolar. Por fim, os dispositivos possibilitaram o ensino e a difusão da psicologia aplicada a problemas educacionais e profissionais, em consonância com a doutrina educativa católica difundida pela Congregação Salesiana. Os documentos dos eventos organizados anualmente, as Semanas de Estudos Pedagógicos (1957-1961), registradas em jornais da época, comprovam igualmente tais conclusões (Batista, Machado & Gerken, 2015).

Se no início do período investigado, os quatro dispositivos descritos estiveram, assim como os diversos outros, em amplas salas da ala principal da faculdade são-joanense, dez anos depois, não mais como objetos científicos privilegiados, passaram para o prédio construído especialmente para o IPP, como objeto de curiosidade. Alguns registros fotográficos encontrados mostram que a trajetória dos dispositivos pareceu se encerrar em uma saleta denominada de “depósito de aparelhos”, para materiais em desuso.

Certificamos que, orientados pela perspectiva educativa salesiana, esses dispositivos alavancaram a produção de práticas e saberes de seleção profissional e de orientação educacional, modelavam e controlavam gestos psicotécnicos – como mostram as fotos apresentadas –, criaram e acumularam discursos que foram registrados em documentos internos ao laboratório e também na imprensa local. No laboratório são-joanense, os dispositivos foram ferramentas para estudar a fadiga, a percepção visual, a associação, a memória e a inteligência, buscando medi-los, avaliá-los e utilizar esses construtos na identificação de tipos psicológicos considerados mais adequados para escolas e indústrias.

Com efeito, na década de 1970, os dispositivos não serviam mais a experimentações psicofisiológicas de ponta e à prática psicológica, nem representavam a vanguarda de uma psicologia científica prometida nos anos 1950. Ao longo do período investigado, os dispositivos se tornaram obsoletos e clássicos. Ainda assim, a direção da Congregação Salesiana aventou sua transferência para Brasília como estratégia de aumento de receitas. Opondo-se a esse argumento, a freira salesiana Marysa Saboya, responsável pelo setor de psicologia clínica do instituto a partir de 1965, escreveu:



[o laboratório são-joanense] se trata de [um modelo de] orientação europeia, com aparelhos de valor mais histórico que atual, instrumentos de pesquisa hoje clássicas. Se a Faculdade quiser enveredar para uma experimentação psicológica nos moldes modernos (coisa para qual Brasília já está aparelhada) seria preciso completá-lo com aparelhagem norte-americana atual, especialmente no âmbito da psicologia animal (Correspondência de irmã Marysa Mourão Saboya ao padre João Duque dos Reis, 14 de abril de 1971).

Em nosso arquivo de pesquisa, essa é a primeira menção ao valor histórico dos dispositivos e à chegada do referencial teórico-metodológico de uma psicologia estadunidense ao laboratório são-joanense.

6. Considerações Finais

Chegando ao final deste trabalho, concluímos que os dispositivos descritos representaram a psicologia europeia do final do século XIX e início do século XX, de inspiração organicista, interessada em aspectos fisiológicos e voltada à sua própria autonomização disciplinar. No laboratório estudado, esse modelo de psicologia foi adaptado às aspirações modernizantes locais. O interesse se deslocou da pesquisa para os serviços psicopedagógicos, de psicologia clínica e de seleção e orientação profissionais, a serviço das indústrias e escolas da região. A mencionada entrada de um referencial teórico-metodológico construído pela psicologia estadunidense, a crise financeira da instituição salesiana e as mudanças na administração do IPP, que abrigara o laboratório, levaram a um silenciamento sobre os dispositivos, a partir da década de 1970. Eles desapareceram dos documentos institucionais da Faculdade Dom Bosco e das referências acadêmicas até os anos 2000 (Bomfim & Albergaria, 2004). Hoje, aqueles aparelhos já não fazem mais parte de um projeto educacional nem financeiro salesianos. São apenas dispositivos que testemunham parte da história da psicologia na metade do século XX, em São João del-Rei. Hoje, estão alocados no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia, da Universidade Federal de São João del-Rei, num prédio novo, adequado à conservação da memória e à realização de novas pesquisas históricas.

Referências

- Agamben, G. (2014). *O amigo & o que é dispositivo* (V. N. Honesko, Trad.). Chapecó, SC: Argos. (Original publicado em 2006).
- Albergaria, M. T. A. (2002). O Laboratório do Instituto de Psicologia e Pedagogia da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João del-Rei. *Boletim do LAPIP*, 2(1), 9-11.



- Alberti, S. (2004). História da psicologia no Brasil: origens nacionais. *Mnemosine*, 1, 149-155. Recuperado em 15 de junho, 2015, de www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/32
- Antunes, M. A. M. (2006). A consolidação da psicologia no Brasil (1930-1962): sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. *Psicologia da Educação*, 22, 79-94. Recuperado em 15 de junho, 2015, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000100005
- Antunes, M. A. M. (2012). *A psicologia no Brasil: leitura história sobre sua constituição* (5a ed.). São Paulo: Educ.
- Assis, R. M. & Peres, S. P. (Org.s). (2016). *História da psicologia: tendências contemporâneas*. Belo Horizonte: Artesã.
- Barbosa, D. R. (2012). Contribuições para a construção da historiografia da psicologia escolar e educacional no Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, 32(num. esp.), 104-123.
- Batista, R. L. L. (2015). *Entre aparelhos e arquivos: uma história do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei (1953-1971)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG.
- Batista, R. L. L., Machado, M. N. M. & Gerken, C. H. S. (2015). A construção discursiva da autoridade e do saber salesianos no jornal Diário do Comércio de São João del-Rei em meados do século XX. *Memorandum*, 28, 145-170. Recuperado em 27 de maio, 2016, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a28/
- Bomfim, E. M. & Albergaria, M. T. A. (2004). Origem e relevância de um laboratório de psicologia no Brasil na década de 1950. *Memorandum*, 7, 151-164. Recuperado em 20 de novembro, 2015, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos07/bomfalberg01.htm
- Campos, R. H. F. (2012). *Helena Antipoff - psicóloga e educadora: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro,: Fundação Miguel de Cervantes.
- Carvalho, M. G., Campos, R. C. P. R. & Silva, N. L. R. (2013). Análise da queixa escolar na década de 1950, em Belo Horizonte - MG: o discurso dos pioneiros do SOSP. *Memorandum*, 25, 12-37. Recuperado em 30 de junho, 2016, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a25/carvalhocampossilva01/
- Castelo-Branco, P. C., Rota-Júnior, C., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2016). Recepção e circulação: implicações para pesquisas em história da psicologia. Em R. M. Assis & S. P. Peres (Org.s). *História da psicologia: tendências contemporâneas* (pp. 31-49). Belo Horizonte: Artesã.



- Castro, A. C., Castro, A. G., Josephson, S. C. & Jacó-Vilela, A. M. (2011). Medir, classificar e diferenciar. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Org.s). *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 265-290). Rio de Janeiro: Nau.
- Centofanti, R. & Tomasini, M. B. (2014). *O livro dos cem anos do Laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal Secundária de São Paulo (1914-2014)*. São Paulo: [s.n.].
- Cirino, S. D., Miranda, R. L. & Souza-Júnior, E. J. (2012). The laboratory of experimental psychology: establishing a psychological community at a Brazilian university. *Revista Interamericana de Psicología*, 46, 135-142. Recuperado em 15 de maio, 2017, de www.redalyc.org/pdf/284/28424858013.pdf
- Correspondência entre Giacomo Lorenzini e Alcides Lanna (1954, 22 de setembro)*. (Disponível no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG).
- Correspondência entre Giacomo Lorenzini e Alcides Lanna (1954, novembro)*. (Disponível no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG).
- Correspondência entre Marysa Mourão Saboya e João Duque dos Reis (1971, 14 de abril)*. (Disponível no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG).
- Dagfal, A. (2004). Para una 'estética de la recepción' de las ideas psicológicas. *Frenia*, IV (2), 7-16. Recuperado em 15 de maio, 2017, de www.revistaaen.es/index.php/frenia/article/view/16407/16253
- Danziger, K. (2003). Where theory, history and philosophy meet: the biography of psychological objects. Em D. B. Hill & M.J. Kral (Org.s). *About psychology: essays at the crossroads of history, theory and philosophy* (pp. 19-33). Albany, Nova Iorque: Sunny.
- Dubreucq, F. (2010). *Jean-Ovide Decroly* (C. A. V. Coelho, J. F. Mafra, L. C. Freire & D. H. Mafra, Trad.s). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana. (Original publicado em 1993).
- Ferraz, D. P. A. (2014). *Memórias do curso de Psicologia da Faculdade de Lorena, SP: uma contribuição para a historiografia da Psicologia no Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Foucault, M. (2005). Sobre as maneiras de escrever a história. Em M. Foucault. *Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento* (2a ed.; pp. 62-77). (E. Monteiro, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1967).
- Foucault, M. (2013). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (23a ed.). (L. F. A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1970).



- Foucault, M. (1994). Le jeu de Michel Foucault. Em M. Foucault. *Dits et Écrits III [1976-1979]* (pp. 298-329). Paris: Gallimard. (Original publicado em 1977).
- Giuliano, G., Lores, A. M. & Vargas, G. E. (2011). *Catálogo del Museo de la Psicología Experimental en Argentina Dr. Horacio Piñero*. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires.
- Giulio, C., Daniele, F. & Tipton, C. M. (2006). Angelo Mosso and muscular fatigue: 116 years after the congress of physiologists: IUPS commemoration. *Advances in Physiology Education*, 30(2), 51-57. Recuperado em 30 de maio, 2015, de www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16709733
- Gooday, G. (2008). Placing or replacing the laboratory in the History of Science? *Isis*, 99(4), 783-795. Recuperado em 14 de maio, 2014, de www.jstor.org/stable/10.1086/595769?seq=1#page_scan_tab_contents
- Granato, M. (2004). Instrumentos de precisão: fonte para história e estratégias para permanência. *Revista da SBHC*, 2(2), 133-145. Recuperado em 14 de maio, 2014, de www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=147
- Instituto de Psicologia e Pedagogia [IPP]. (1965). *Instituto de Psicologia e Pedagogia: cinco anos de atividade (1960-1964)*. São João del-Rei, MG: Autor.
- Maia, E. S. & Granato, M. (2010). A conservação de objetos de C&T: análise e discussão das práticas utilizadas no Memorial Carlos Chagas Filho. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio*, 3(2), 1-15. Recuperado em 14 de maio, 2014, de revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/96/129
- Miranda, R. L. (2014). *O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte: diálogos entre Psicologia e Educação (1929-1946)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Miranda, R. L. & Cirino, S. D. (2016). O que os laboratórios podem nos dizer sobre a história da psicologia? *Memorandum*, 30, 104-119. Recuperado em 20 de setembro, 2016, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a30/mirandacirino01/
- Pickren, W. E. & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. New Jersey, Estados Unidos da América: Wiley.
- Pinheiral, R. (2011). Pedagogium - 1890-1919. Em A. M. Jacó-Vilela (Org.). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 375-376). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia.



- Rota-Júnior, C. (2016). *Recepção e circulação dos testes de inteligência na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (1929-1946)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Sturm, T. & Ash, M. G. (2005). Roles of instruments in psychological research. *History of Psychology*, 8(1), 3-34. Recuperado em 14 de setembro, 2014, de www.jstor.org/stable/pdf/301995.pdf
- Van Helden, A., & Hankins, T. L. (1994). Instruments in the history of science. *Osiris*, 2(9), 1-6. Recuperado em 14 de setembro, 2014, de www.jstor.org/stable/pdf/301995.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents
- Vimieiro-Gomes, A. C. & Braghini, K. M. Z. (2013). Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG. Em M. A. Linhares & A. Nascimento (Org.s). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória* (pp. 85-101). Belo Horizonte: Fino Traço.
- Wagemans, J., Van Lier, R. & Scholl, B. J. (2006). Introduction to Michotte's heritage in perception and cognition research. *Acta Psychologica*, 123, 1-19. Recuperado em 14 de setembro, 2014, de www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16860283

Nota sobre os autores

Rodolfo Luís Leite Batista é psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. Atualmente, é doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: rodolfoforllb@gmail.com

Marília Novais da Mata Machado é doutora em Psicologia Social pela Universidade Paris Norte (Paris XIII) e pós-doutora pela Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: marilianmm@gmail.com

Carlos Henrique de Souza Gerken é doutor em Educação - Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua nos Programas de Pós-graduação em Educação e Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: chsgerken@gmail.com

Data de recebimento: 04/12/2016

Data de aceite: 24/05/2017